

Avaliação da percepção de cooperação desportiva: Propriedades psicométricas da adaptação portuguesa do CCD

P. L. Almeida
J. Lameiras
S. Martins

ISPA – Instituto Universitário

A. Olmedilla
E. Ortega

Universidade Católica Santo António, Múrcia, Espanha

A. Garcia-Mas

Universidade das Ilhas Baleares, Espanha

Resumo

O principal objectivo do presente artigo é apresentar uma sugestão de versão portuguesa do Questionário de Cooperação Desportiva (Garcia-Mas et al., 2006). Este instrumento avalia o grau de cooperação numa situação desportiva, baseada na interacção interpessoal e na busca dos objectivos por parte dos jogadores relativamente aos objectivos da equipa, do treinador e dos seus companheiros. As qualidades psicométricas do instrumento foram avaliadas numa amostra de 127 atletas praticantes de futebol. A análise factorial confirmatória original revelou que os dados obtidos com a versão portuguesa não apresentam uma total sobreposição aos obtidos com a versão espanhola. Assim, adoptando uma estratégia exploratória e tendo em conta a dupla fonte de cooperação (disposicional e situacional), propôs-se uma forma de melhorar a validade de constructo do questionário através de uma nova estrutura factorial e da eliminação de alguns itens. A versão final do QCD-p é composta por 12 itens distribuídos por dois factores disposicionais (Cooperação Condicionada e Cooperação Incondicionada) e um factor situacional (Cooperação com o Treinador).

Palavras-chave: Adaptação, Cooperação, Desporto, Questionário.

Abstract

The main objective of this study is to present a proposal for the Portuguese version of the “Cuestionário de Cooperación Deportiva” (Garcia-Mas, 2006). This instrument assesses the degree

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Pedro Almeida; ISPA – Instituto Universitário Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa; E-mail: pedro@ispa.pt

of cooperation in a sportive situation, based on interpersonal interaction and the pursuit of objectives by the players on the objectives of the team, the coach and the companions. The psychometric properties of the instrument were evaluated in a sample of 127 soccer athletes. Confirmatory factor analysis of the original factorial structure revealed that the data in the Portuguese sample did not exactly match the structure obtained in the Spanish version. Thus, adopting an exploratory strategy and taking into account the dual source of cooperation (dispositional and situational), we proposed a way to improve the construct validity of the questionnaire through a new factorial structure and by the deletion of some items. The final version of the QCD-p consists of 12 items distributed by two dispositional factors (Conditional Cooperation and Cooperation Unconditional) and a situational factor (Cooperation with the Coach).

Key-words: Adaptation, Cooperation, Questionnaire, Sport.

Introdução

Alguns autores situam a cooperação na origem dos principais grupos sociais humanos, organizados (em função da coordenação e semelhança dos membros do grupo) como uma necessidade inerente para a subsistência do grupo (Whiten, 1999).

No âmbito das equipas desportivas – contrariamente ao que sucede no âmbito da economia ou da educação – têm sido escassos os esforços para estudar a cooperação. À excepção de trabalhos isolados (Johnson, Bjorkland, & Krotee, 1984) realizados no golfe, unicamente Orlick (1978) procurou precocemente a oportunidade de estabelecer jogos e dinâmicas cooperativas na aprendizagem de competências desportivas no seio das equipas.

Contudo, e apesar da carência em termos da investigação desenvolvida neste âmbito, é evidente que um jogador enfrenta repetidamente nos treinos e nas competições a necessidade de optar entre uma conduta desportiva, podendo esta ser mais ou menos cooperativa (com os seus companheiros, treinador, com a tática ou estratégia) ou mais ou menos competitiva (Garcia-Mas & Vicens, 1994, 1995). Assim, as variáveis fundamentais do conceito de cooperação são: tomada de decisões; objectivos de cada jogador, do treinador e da equipa, que podem ser comuns ou contrapostos; interacção e interdependência; e, informação sobre os resultados da cooperação e/ou competição (Rabbie, 1995).

De acordo com alguns autores (Fernández-Ríos, Rico, & San Martín, 2004) também se poderia entender este conceito como a resolução de um conflito entre interesses opostos ou como parte da conduta prossocial, como com o altruísmo e egoísmo, o voluntarismo social ou a partilha de bens comuns (Van Vugt, Snyder, Tyler, & Biel, 2000). Por seu turno, Garcia-Mas e colaboradores (2006) afirmam que a necessidade de interacção leva à integração deste conceito nas teorias de Campo de Kurt Lewin, dada a consciência dos jogadores de possuírem um destino interdependente, tanto objectivo e real como percebido (Lewin, 1948).

De igual forma, sabemos que nem todas as condutas sociais cooperativas são exclusivamente motivadas pelo alcance de objectivos individuais, dado que em determinadas circunstâncias os jogadores de uma equipa – em função das suas diferenças individuais – devem suspender em alguma proporção a realização parcial ou total dos seus próprios objectivos, com a finalidade de assegurar a continuidade da existência funcional da equipa (Garcia-Mas et al., 2009). Neste sentido devemos considerar a existência de uma tendência disposicional mais estável que modele, em alguma medida, as condutas cooperativas que se possam observar (Meligno & Korsgaard, 2004).

Em função das considerações apresentadas anteriormente, García-Mas e colaboradores (2006) propuseram um Modelo Conceptual de Cooperação Desportiva (Figura 1). Este assenta no pressuposto de que a conduta desportiva observável de um jogador será em parte dependente da sua decisão em cooperar ou não face a um objectivo comum. Esta decisão pode ser tomada em função de um factor disposicional mais estável, que reflecte uma tendência pessoal para cooperar ou competir, ou em função de factores de ordem situacional relativos a estímulos ambientais.

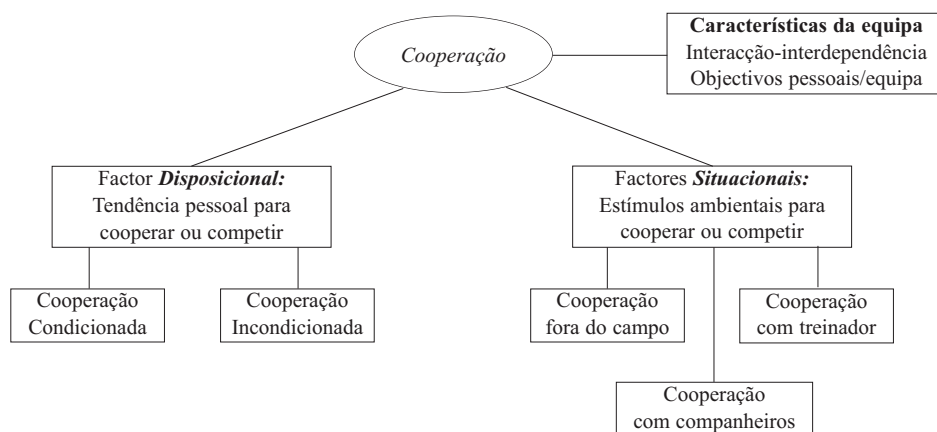


Figura 1. Modelo conceptual de cooperação desportiva (adaptado de García-Mas et al., 2006)

De igual modo, os autores concluíram que a origem das condutas de cooperação desportiva pode ser dupla. Por um lado podem ser determinadas face à tomada de decisão de cada jogador em função da primazia da racionalidade e da motivação para alcançar os seus próprios objectivos. Adicionalmente, e de forma complementar, podem ser determinadas por uma disposição pessoal para cooperar em ausência – ou em menor grau – da motivação para a obtenção e o alcance de objectivos pessoais.

Outra conclusão diz respeito à existência de cooperação situacional diferenciada, isto é, entre diferentes estímulos relevantes e presentes na situação desportiva, como são o treinador e os companheiros de equipa. Por último, concluíram que se pode considerar que os comportamentos de cooperação situacional derivam da disposição pessoal para cooperar de forma condicionada. Como tal, os atletas decidem dedicar o seu esforço físico, técnico e tático graças à percepção de que podem atingir os seus objectivos como contrapartida da interacção estabelecida com companheiros ou treinador, sendo esta relação de contrapartidas possível fora do âmbito restrito do jogo desportivo.

Em função das considerações apresentadas anteriormente, e tendo por base o Modelo Conceptual de Cooperação Desportiva, García-Mas e colaboradores (2006) criaram o *Cuestionário de Cooperación Deportiva* (CCD), constituindo-se este como um contributo importante para o estudo e avaliação da cooperação no âmbito desportivo (ver García-Mas et al., 2009; Olmedilla et al., 2011).

Avaliação e mensuração da cooperação desportiva

O CCD foi desenvolvido por García-Mas e colaboradores (2006) sobre o pressuposto de que a cooperação se sustenta em duas bases: (1) a concepção racional e utilitarista, derivada da interacção e interdependência interna, de tomadas de decisões pessoais quanto a cooperação ou com o objectivo da

equipa; (2) a disposição pessoal para demonstrar condutas cooperantes sem esperar nada em troca. A construção deste instrumento foi realizada em três fases.

Na primeira fase foram recolhidos 220 itens sugeridos por uma população de estudantes de psicologia do desporto da Universidade das Ilhas Baleares (Espanha), seguindo o modelo conceptual apresentado anteriormente. Este primeiro grupo de itens foi analisado e modificado por um grupo de especialistas (3 de psicologia do desporto e 2 treinadores de modalidades colectivas), terminando reduzido a 40 itens.

Numa segunda fase este questionário foi aplicado a um grupo de 98 sujeitos praticantes de dois desportos colectivos (futebol e basquetebol). Após análise das respostas obtidas, e uma vez que alguns itens se revelaram de difícil compreensão e outros foram respondidos de forma muito dispersa, foram eliminados alguns destes ficando o questionário reduzido a 21 itens.

Na terceira e última fase, foi aplicada esta versão a uma amostra de 106 jogadores de futebol de competição com idades compreendidas entre os 11 e os 31 anos ($M=16.47$; $DP=8.19$), que competiam em equipas espanholas e mexicanas. No que diz respeito ao estudo da validade, os autores realizaram uma análise factorial exploratória que revelou uma estrutura factorial composta por 5 factores. O primeiro factor, composto pelos itens que reflectiam a Cooperação Condicionada, explicava 15% da variância total, o segundo factor denominado de Cooperação o Treinador explicava 14%, o terceiro factor, Cooperação Incondicionada explicava 13.6% da variância, o quarto factor denominado Cooperação com os Companheiros explicava 12% da variância e, por último, o factor Cooperação Fora do Terreno de Jogo explicava 9.5% da variância total.

Quanto à sua consistência interna, e apesar das diferentes sub-escalas possuírem um número reduzido de itens, os valores de α de Cronbach variaram entre .72 para a Cooperação Incondicionada e .77 para a Cooperação Condicionada.

O objectivo do presente estudo passa por traduzir, adaptar e validar o CCD com uma amostra da população portuguesa composta por atletas de futebol. Esta escala permite estudar e avaliar a cooperação em situação desportiva, bem como os factores e os perfis de cooperação dos jogadores.

A escolha da amostra no âmbito desta modalidade prende-se com o facto de esta ser a mais representativa a nível nacional, cujo número de praticantes inscritos em federações desportivas é significativamente superior às restantes modalidades desportivas (com 148.497 num universo de 519.359 praticantes – dados de 2010 do Instituto Nacional de Estatística).

Pretende-se desta forma dar um contributo para a investigação realizada em Portugal no âmbito da Psicologia do Desporto, concretamente no estudo das dinâmicas internas das equipas desportivas e no que concerne à cooperação desportiva em particular.

Método

Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 127 atletas do sexo masculino, federados e oriundos de diversos clubes de futebol de onze da área metropolitana de Lisboa. Destes, 96 (75.59%) competem no escalão Sénior e 31 (24.41%) no escalão Júnior. De acordo com estas categorias, os participantes possuem idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos ($M=23.12$; $dp=4.59$).

A experiência desportiva dos participantes, relativamente à prática do futebol, era em média de 13.03 anos ($dp=4.59$ anos). Quanto às horas de treino, verificaram-se valores compreendidos entre um

mínimo de 1.5 e um máximo de 10 horas semanais. No que concerne às posições táticas dos participantes no estudo, 14 (11.02%) eram guarda-redes; 39 (30.71%) defesas; 47 (37.01%) médios; e 27 (21.26%) avançados.

Instrumento

A tradução e adaptação do instrumento original foram realizadas via tradução-retroversão. Numa primeira fase o questionário foi traduzido individualmente para língua portuguesa por dois especialistas bilingues. Numa segunda fase, as duas traduções foram sujeitas à apreciação de um júri, constituído por psicólogos, treinadores e tradutores, com o intuito de comparar cada um dos itens traduzidos com o respectivo original e escolher aqueles que melhor preservavam o significado original e que utilizavam termos mais familiares para a população portuguesa (Tabela 1).

Tabela 1

CCD – Itens originais e a sua correspondente tradução

<i>Sub-escalas</i>	<i>Itens originais</i>	<i>Itens traduzidos</i>
DCC, Disposicional, cooperação condicionada	<p>1. Si todos nos esforzamos, y nos ayudamos unos a otros, el equipo es capaz de hacer más cosas y lograr mejor sus objetivos.</p> <p>4. Cuando ayudo al entrenador, siguiendo sus instrucciones y esforzándome en el partido y en los entrenamientos, espero que me lo reconozca, alineándome o diciéndomelo.</p> <p>8. Mi cooperación con mis compañeros y el entrenador, tanto en los partidos como en los entrenamientos, depende de la colaboración que ellos me dan a mí.</p> <p>12. Cuando con mi juego o con mi esfuerzo ayudo a algún compañero en el campo, espero que me lo reconozcan de alguna forma.</p>	<p>Se todos nos esforçarmos e nos ajudarmos uns aos outros, a equipa irá melhorar e alcançar os seus objectivos</p> <p>Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele me reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial.</p> <p>A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que eles me dão a mim.</p> <p>Quando com o meu jogo ou com o meu esforço ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma.</p>
ST, Situacional, cooperação com o treinador	<p>5. Trabajo conjuntamente con el entrenador, tanto si juego habitualmente como si soy suplente.</p> <p>7. Sigo siempre las instrucciones del entrenador y acato sus decisiones, tanto en el partido como en los entrenamientos, llegando a sacrificar mis ideas del juego.</p> <p>9. Coopero con el entrenador, tanto si juego habitualmente como si soy suplente.</p>	<p>Trabalho conjuntamente com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.</p> <p>Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a sacrificar as minhas ideias acerca do jogo.</p> <p>Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente</p>
DCI, Disposicional, cooperação incondicionada	<p>2. Si todos cooperamos, el equipo está más unido y puede rendir más o hacerlo mejor.</p> <p>11. Yo coopero durante el partido, aunque no se note, por ejemplo, moviéndome sin balón y tapando a un compañero</p> <p>14. Me esfuerzo mucho en los entrenamientos aunque esto signifique competir con algún compañero</p> <p>15. Yo colaboro con mis compañeros y entrenador, sean cuales sean las circunstancias del juego.</p>	<p>Se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor.</p> <p>Eu coopero durante o jogo, mesmo que não se note, por exemplo, movimentando-me sem bola ou dobrando um companheiro.</p> <p>Esforço-me muito durante os treinos, ainda que isso signifique competir com algum companheiro.</p> <p>Eu colaboro com os meus companheiros e com o meu treinador, sejam quais forem as circunstâncias do jogo</p>

cont. →

Tabela 1 (cont.)

<i>Sub-escalas</i>	<i>Itens originais</i>	<i>Itens traduzidos</i>
SC, situacional, cooperação com os companheiros de equipa	6. Yo colaboro con mis compañeros aunque sean más hábiles que yo.	Eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades do que eu.
	13. Colaboro con mis compañeros, aunque en el equipo pueda existir algún grupo que no ayude a los compañeros.	Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.
SF, situacional, cooperação fora do terreno de jogo	3. Para lograr el objetivo del equipo hay que ayudarse unos a otros fuera del campo, en temas personales, o en el vestuario	Para concretizar os objectivos da equipa, temos de nos ajudar uns aos outros fora do campo, em questões pessoais, ou no balneário.
	10. Es tan importante el cooperar fuera como hacerlo en un partido, aunque yo me considere un profesional.	É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional.

Concluída esta fase foram efectuadas várias entrevistas a treinadores e atletas dos dois sexos, praticantes de diversos desportos e com idades variadas, no sentido de aferir a compreensibilidade e uniformidade contextual do instrumento. Cada um dos itens foi associado a uma escala de cinco pontos, ancorada em “nada” (1) e “muito” (5). Não foram identificadas quaisquer dificuldades por parte dos inquiridos na resposta aos diversos itens do instrumento. Os itens foram apresentados em conjunto e respeitando a ordem do instrumento original. Por último, denominou-se o instrumento de *Questionário de Cooperação Desportiva*-versão portuguesa (QCD-p).

Procedimento

A participação no estudo foi inteiramente voluntária, sendo a recolha de dados efectuada em sessões colectivas em “contexto de sala de aula” nos diferentes clubes desportivos. As instruções apresentadas junto à escala pediam a colaboração numa investigação que pretendia “perceber a cooperação desportiva”, sendo que a sua tarefa seria indicar quão bem é que a frase associada representava a forma como se sentia naquele preciso momento, sendo que o valor 1 correspondia ao pólo “nada” e o valor 5 ao pólo “muito”. Não foi dado tempo limite para o preenchimento da escala.

Para além da escala era pedido aos participantes que preenchessem um breve questionário biográfico que recolhia informações sobre sexo, idade, estado civil, número de horas de treino semanais, nível competitivo, posição onde joga e anos de prática da modalidade. Por último, garantiu-se o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados.

Resultados

Na Tabela 2 apresenta-se os valores medianos (Me), de assimetria (Sk) e achatamento (Ku), tal como os respectivos rácios críticos (Sk/SESk e Ku/SEKu) para os itens que constituem as diferentes sub-escalas.

Os itens que constituem as diferentes sub-escalas apresentam-se, no geral, leptocúrticos e enviesados para pontuações elevadas, com a Me a variar entre os valores 3.047 e 4.740. Apesar disto e em todas as sub-escalas, a generalidade dos itens não apresenta coeficientes de assimetria superiores a 3 (em valor absoluto) nem coeficientes de achatamento superiores a 10 (em valor absoluto). Através

dos indicadores expostos na tabela seguinte, e com excepção dos itens 1 e 15, verifica-se que não existem problemas severos ao nível da sensibilidade, nem de afastamento à distribuição normal nos restantes itens. Assim, e tendo em conta as recomendações de Kline (2005), os itens 1 e 15 foram eliminados das análises subsequentes.

Tabela 2

Sensibilidade dos itens das diferentes sub-escalas do QCD-p

	Item	Me	Sk	Sk/SESk	Ku	Ku/SEKu	Mínimo	Máximo
Cooperação condicionada	1	4.740	-3.124	-14.531	13.854	32.445	1	5
	4	4.047	-1.208	-5.617	.876	2.052	1	5
	8	3.102	-.369	-1.715	-.897	-2.101	1	5
	12	3.047	-.254	-1.180	-1.092	-2.557	1	5
Cooperação com o treinador	5	4.323	-1.144	-5.319	.569	1.333	2	5
	7	4.244	-1.288	-5.992	.981	2.298	1	5
	9	4.142	-.885	-4.116	.626	1.466	1	5
Cooperação incondicionada	2	4.354	-1.122	-5.220	.828	1.940	2	5
	11	4.276	-1.603	-7.456	2.625	6.146	1	5
	14	4.417	-1.318	-6.131	2.246	5.260	1	5
	15	4.748	-3.342	-15.554	14.463	33.871	1	5
Cooperação com os companheiros de equipa	6	4.126	-1.508	-7.016	2.887	6.761	1	5
	13	4.535	-2.016	-9.377	5.691	13.327	1	5
Cooperação fora do terreno de jogo	3	4.165	-1.472	-6.847	2.815	6.592	1	5
	10	4.346	-1.488	-6.922	2.894	6.777	1	5

Validade e fiabilidade do QCD-p

A validade de constructo foi avaliada com recurso a uma análise factorial confirmatória. O modelo especificado apresenta uma estrutura composta por 5 factores, com os itens a serem colocados nos diferentes factores segundo o modelo proposto originalmente por Garcia-Mas e colaboradores (2006). Os erros dos itens não se apresentaram correlacionados.

A análise confirmatória sugere um comportamento da escala idêntico ao verificado no estudo original, sendo que a análise aos índices de ajustamento não permite classificar o ajustamento como bom [$\chi^2/df=1.387$, $CFI=.670$, $GFI=.920$, $RMSEA=.107$; $P(rmse\leq.05)<0.001$] (ver Figura 2). Adicionalmente, é de salientar que os itens 3 (*É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional*) e 6 (*Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros*) possuem um peso factorial inferior a .50.

A fiabilidade das diferentes sub-escalas foi avaliada pela medida de consistência interna do α de Cronbach. As sub-escalas Cooperação Condicionada ($\alpha=.700$) e Cooperação com o Treinador ($\alpha=.756$) apresentam valores de α de Cronbach considerados aceitáveis para a dimensão e número de itens da escala (Nunnally, 1976, citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). Contudo, as sub-escalas Cooperação Incondicionada ($\alpha=.611$), Cooperação com os Companheiros ($\alpha=.291$) e Cooperação Fora do Campo ($\alpha=.448$) apresentam valores de consistência interna inaceitáveis.

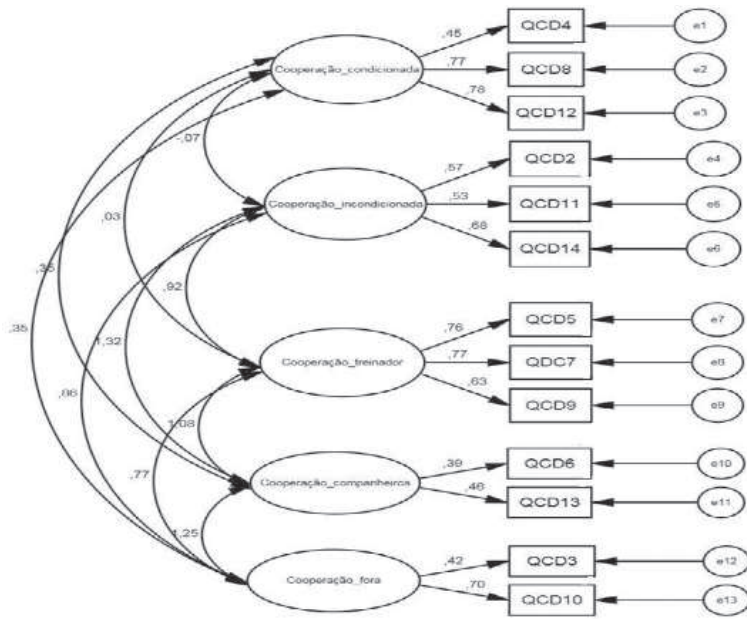


Figura 2. Modelo de medida do QCD-p, como proposto por Garcia-Mas et al. (2006), ajustado à amostra do presente estudo [$\chi^2/df=1.387$, $CFI=.670$, $GFI=.920$, $RMSEA=.107$; $P(rmse\leq.05)<0.001$]

Proposta de modelo de medida do QCD-p obtido de forma exploratória

Tendo em conta as qualidades psicométricas do modelo avaliado na presente amostra, achou-se pertinente avançar com uma proposta alternativa que deverá ser testada em investigações futuras, com dados de outras amostras. Considerando estes dados psicométricos, os índices de modificação fornecidos pelo AMOS, as fundamentações teóricas do modelo conceptual que deu origem ao instrumento original e a própria formulação dos itens, avançou-se para uma solução composta por três factores: dois disposicionais (Cooperação Condicionada e Cooperação Incondicionada) e um situacional (Cooperação com o Treinador). A qualidade do modelo proposto através de uma estratégia exploratória revela três dimensões, sendo o factor Cooperação Condicionada e o factor Cooperação com o Treinador compostos por três itens e o factor Cooperação Incondicionada por sete itens.

A análise dos índices de qualidade do ajustamento não permite afirmar que existe um bom ajustamento das escalas modificadas à nossa amostra [$\chi^2/df=1.543$, $CFI=.732$, $GFI=.898$, $RMSEA=.066$; $P(rmse\leq.05)<0.001$] (ver Figura 3). Contudo, no que concerne à consistência interna, todas as sub-escalas [Cooperação Condicionada ($\alpha=.700$); Cooperação Incondicionada ($\alpha=.744$); Cooperação com o Treinador ($\alpha=.756$)] apresentam valores de α de Cronbach considerados aceitáveis.

Por último, adoptando-se novamente uma abordagem exploratória e na tentativa de melhorar os índices de qualidade de ajustamento do modelo, uma vez que o item 3 é o item que apresenta um peso factorial menor (e inferior a .50) optou-se por proceder à sua eliminação. A qualidade do modelo proposto através de uma estratégia exploratória revela três dimensões, sendo o factor Cooperação Condicionada e o factor Cooperação com o Treinador compostos por três itens e o factor Cooperação Incondicionada por seis itens. Os indicadores de ajuste ao modelo [$\chi^2/df=1.783$, $CFI=.904$, $GFI=.896$, $RMSEA=.079$; $P(rmse\leq.05)<0.001$] concorrem para que de uma forma geral o modelo esteja bastante próximo na população (ver Figura 4).

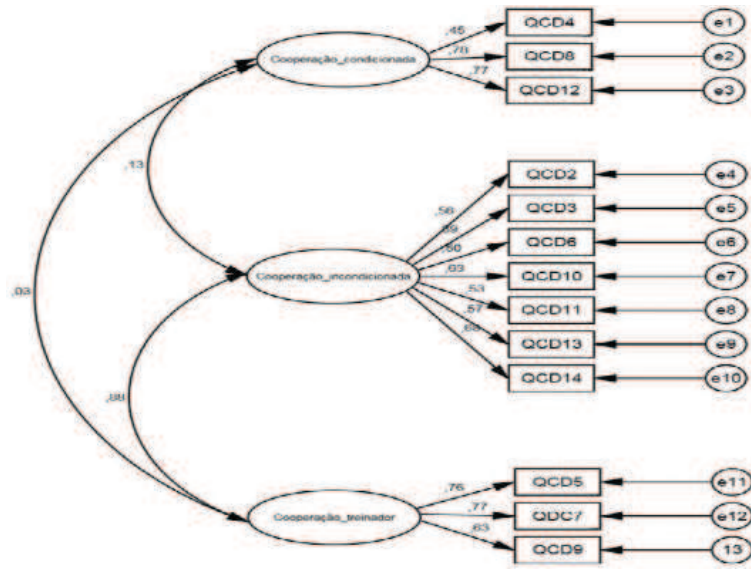


Figura 3. Modelo de medida do QCD-p obtido de forma exploratória [$\chi^2/df=1.543$, $CFI=.732$, $GFI=.898$, $RMSEA=.066$; $P(rmse\leq.05)<0.001$]

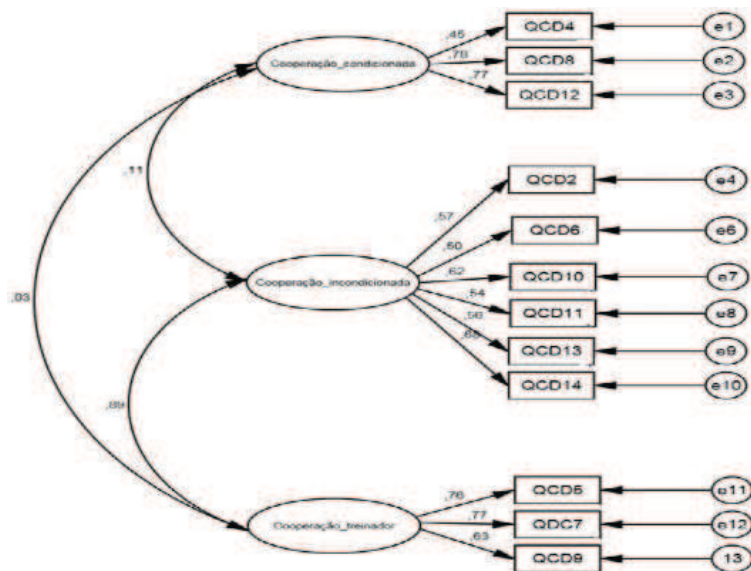


Figura 4. Modelo de medida do QCD-p obtido por abordagem exploratória, com eliminação de itens [$\chi^2/df=1.783$, $CFI=.904$, $GFI=.896$, $RMSEA=.079$; $P(rmse\leq.05)<0.001$]

Uma vez mais todas as sub-escalas [Cooperação Condicionada ($\alpha=.700$); Cooperação Incondicionada ($\alpha=.745$); Cooperação com o Treinador ($\alpha=.756$)] apresentam valores de α de Cronbach considerados aceitáveis para a dimensão da amostra e número de itens da escala (Maroco & Garcia-Marques, 2006). As versões alternativas das diferentes sub-escalas são apresentadas na Tabela 3, em Apêndice.

Discussão

Este estudo teve por objectivo a tradução, adaptação e estudo da validade numa amostra da população portuguesa de um instrumento que pretende avaliar a cooperação desportiva: Questionário de Cooperação Desportiva (Garcia-Mas et al., 2006).

A análise factorial confirmatória original revelou que os dados obtidos com a versão portuguesa não apresentam uma total sobreposição aos obtidos com a versão espanhola. Assim, adoptando uma estratégia exploratória e tendo em conta a dupla fonte de cooperação (disposicional e situacional) postulada pelo modelo conceptual de cooperação desportiva (Garcia-Mas et al., 2006), propôs-se uma forma de melhorar a validade de constructo do questionário através de uma nova estrutura factorial. Nesta nova estrutura factorial e à semelhança do sugerido pelos autores no estudo original, a cooperação situacional (com os companheiros de equipa e fora de campo) foi englobada na disposição geral para cooperar, ampliando-se o conceito de disposição a cooperar e reduzindo-se os factores situacionais previstos teoricamente no modelo original. Ao proceder-se a esta análise, revelou-se necessário eliminar três itens para que a qualidade do ajustamento pudesse ser melhorada.

Assim, o QCD-p ficou constituído por 12 itens agrupados por dois factores disposicionais (Cooperação Condicionada e Cooperação Incondicionada) e um factor situacional (Cooperação com o Treinador). A análise dos índices de qualidade de ajustamento revela um bom ajustamento das sub-escalas modificadas à nossa amostra, apresentando estas uma consistência interna razoável. De igual modo, os itens revelaram-se sensíveis e sem grandes desvios à distribuição normal. Contudo, esta estrutura deverá ser validada em estudos futuros de aplicação do QCD-p.

Tabela 3

Questionário de cooperação desportiva – versão portuguesa (QCD-p)

Itens	Cooperação Condicionada
4.	Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele me reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial.
8.	A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que eles me dão a mim.
12.	Quando com o meu jogo ou com o meu esforço ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma.
Itens	Cooperação Incondicionada
2.	Se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor.
6.	Eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades do que eu.
10.	É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional.
11.	Eu coopero durante o jogo, mesmo que não se note, por exemplo, movimentando-me sem bola ou dobrando um companheiro.
13.	Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.
14.	Esforço-me muito durante os treinos, ainda que isso signifique competir com algum companheiro.
Itens	Cooperação com o treinador
5.	Trabalho conjuntamente com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.
7.	Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a sacrificar as minhas ideias acerca do jogo.
9.	Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente

De igual modo, e uma vez que a amostra deste estudo se circunscreveu a atletas praticantes de futebol, futuras investigações devem procurar validar este instrumento utilizando uma amostra mais diversificada, composta por atletas de diferentes modalidades desportivas colectivas.

Em suma, o presente estudo apresenta uma proposta de versão portuguesa de uma medida válida e fiável que permite avaliar a cooperação desportiva. Pretende-se desta forma contribuir para o desenvolvimento da investigação da psicologia do desporto em Portugal, particularmente no que concerne ao estudo das interações e da dinâmica interna das equipas desportivas.

Referências

- Fernández-Ríos, M., Rico, R., & San Martín (2004). Organizations as meaning systems: Time for clarity. *Psicothema*, 16(2), 222-228.
- Garcia-Mas, A., & Vicens, P. (1994). La psicología del equipo deportivo. Cooperación y rendimiento. *Revista Psicología del Deporte*, 6, 79-87.
- Garcia-Mas, A., & Vicens, P. (1995). Cooperación y rendimiento en un equipo deportivo. *Psicothema*, 7(1), 5-19.
- Garcia-Mas, A., Olmedilla A., Morilla, M., Rivas, C., García, E., & Ortega, E. (2006). Un nuevo modelo de cooperación deportiva y su evaluación mediante un cuestionario. *Psicothema*, 18(3), 425-432.
- Garcia-Mas, A., Olmedilla, A., Ortega, E., Almeida, P., Lameiras, J., Sousa, C., & Cruz, J. (2009). Cooperation and cohesion in competitive soccer teams. *International Journal of Hispanic Psychology*, 2(1), 29-46.
- Johnson, R. T., Bjorkland, R., & Krotee, M. L. (1984). The effects of cooperative, competitive and individualistic student interaction patterns on the achievement and attitudes of students learning the golf skill of putting. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 55, 129-134.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation model*. New York: Guilford.
- Lewin, K. (1948). *Resolving social conflicts*. New York: Harper & Row.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4, 65-90.
- Meglino, B. M., & Korsgaard, A. (2004). Considering rational self-interest as a disposition: Organizational implications of other orientation. *Journal of Applied Psychology*, 89, 946-959.
- Olmedilla, A., Ortega, E., Almeida, P. L., Lameiras, J., Villalonga, T., Sousa, C., Torregrosa, M., Cruz, J., & Garcia-Mas, A. (2011). Cohesión y cooperación en equipos deportivos. *Anales de Psicología*, 27(1), 232-238.
- Orlick, T. (1978). Cooperative Games: Systematic analysis and cooperative impact. In F. Smoll & R. E. Smith (Eds.), *Psychological perspectives in youth sports* (pp. 12-57). New York: Hampshire.
- Rabbie, J. M. (1995). Determinantes de la cooperación instrumental intragrupo. In R. H. Hinde & J. Groebel (Eds.), *Cooperación y conducta prosocial* (pp. 97-131). Madrid: Visor Aprendizaje.
- Van Vugt, M., Snyder, M., Tyler, T. R., & Biel, A. (2000). *Cooperation in modern society*. Londres: Routledge.

Whiten, A. (1999). The evolution of deep social mind in humans. In M. C. Corballis & S. E. G. Lea (Eds.), *The Descent of Mind Oxford* (pp. 110-135). University Press.

Submissão: 30/11/2011

Aceitação: 09/07/2012